



*Aqui vão troando  
Os ecos das bombas,  
Que estourão nas trombas  
Dos Rhyneçorontes.*

*Fel. Eils.*

QUINTA FEIRA 27.

[NUM. 8.]

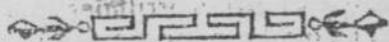
FEVEREIRO DE 1823.

**O** HOMEM nasceo nú, e nú se encontrou em a vasta solidão d' um mundo desconhecido; nada sabendo do passado, e nada do futuro sua imaginação nascente seguiu os afagadores impulsos da natureza, foi este impulso consolador, q' o lançou em os braços da bela *Eva*. A fome lhe ministrou alimentos, a intempérie da estação vestidos, e a necessidade o fez industrioso. Olhando-se em meio de sua reprodução, vendo-se diariamente em multiplicada descendencia, reconheceo a necessidade de ser social, para parapeitar sua fraqueza individual contra os assaltos do poder, e a ferocidade dos animaes. Ele formou sociedades, estreitou-se ao seu semelhante por nós, que parecia indosolveis, mas estas sociedades não vegetarão, pois que o pestilente sepro das paixões de seu coração murchava, e derrubava sua folha azilante, e protetora. Logo, q' o homem conheceo, que podia viver á custa do suor alheio tratou de montar o seu semelhante: o forte disse ao fraco:-- *Tu nasceste para trabalhar, e eu para disfrutar o suor do teu trabalho*. O fraco conheceo que a natureza o igualara, procurou resistir á idéa da superioridade; quebrão-se as cadeas da sociedade, e eis estatuida a indispensavel necessidade de um chefe, que equilibrasse os direitos de cadaum. O homem sacrificou parte da sua liberdade para conservár o todo; tornou-se escravo da lei, e o Deos, que presidia á natureza vio com exultante prazer que o homem nú, e isolado industriava o remedio ás necessidades entorpescentes da vida, mas a! deste sacrificio de liberdade com que Deos o dotara, o ó-

mem que governava tirou o juiz d'escravidar o seu semelhante; procurou estatuir o direito da superioridade da natureza, inculcou-se participante de inspirações divinas, publicou familiarizar-se com a devindade; o solipsismo lhe vendá os olhos a corrução defende seu direito injusto, e eis a comunidade vitima do poder arbitrario mascarado com o nome sedutor do poder divino.

Logo que o homem consentio, que a descendencia d'um seu semelhante o governa-se, se forjou grilhões, que lhe áde custar a quebrar; tornou real o quimerico direito da legitimidade, tornou-se escravo de fato, e sancionou o principio aviltante, e perigoso de que o mundo não era dos homens, mas sim de certas raças, que se intitularão privilegiadas: estas raças se dizem estar de posse de seu patrimonio, e o titulo que elas, e seus apologistas apresentam em sua defenção perante o augusto tribunal da opinião publica é a clemencia, e a estulticia do genero umano. Estavão os portuguezes de 1823 reservados para verem instaurar a grande demandá: o povo Peninsular, que fora aconcellado, que os direitos do homem não prescreverão, disforçou-se; apresentou seu libelo de reivindicação, e fez de povo autor, e o povo réo, que se chamava Semideos, contrariou, e fundou o direito estulto da sua posse em cem mil baonetas. Está pois o grande pleito em juizo: os réos são partes poderosas: são netos dos grandes opressores do genero umano, retém em seu poder a fazenda alheia, tem ás suas ordens escravos com o seu fardamento, e prégadores assalariados, e advogados corrompidos, que argumentão com o direito divino, e invocão o nome de Deos para córar suas ladro-

eiras, e se prometem o vencimento derramando o sangue dos autores em nome d'um Deos de paz: e os autores são povo, que não tem privilegios, mas que tem justiça, e razão. Se esta cauza fosse decidida no tribunal dos ómens, nós nada dariamos por ela; os réos ricos, e poderosos, os autores pobres, e não fidalgos, que lhe podião esperar? Mas a ella será decidida por o Deos terrivel dos exercitos, que não conhece privilegios, por o Deos dos cristãos, que fez o ómhem, e o fez de barro, por o Deos de *Afonço Henriques*, que áde defender a justa cauza da sua obra. Povos Peninsulares, este Deos que vos protege, defendeo a liberdade dos *Paizes Baixos*, e os *Holandezes* forão livres a pezar das fanfarronadas de *Filipe*, e do *Duque d'Alva*; que tambem argumentavão com o direito divino. Este Deos que vos protege defendeo as *Provincias unidas*, e os *Americanos* forão livres, e se inutilizou o direito divino de *George III*. Povos Peninsulares, este Deos protege o fraco contra o forte, a justiça contra a injustiça, a liberdade contra a escravidão; armaivos, e combatamos, e nós venceremos afinal a grande cauza: a liberdade vos chama, a razão vos escuda, a justiça vos defende, e o Deos dos portuguezes é por nós.



Conversação entre um Abade, um Capitão da Bicha, e seus francezes.

*Lavrador*.--- Mulher, que terá o Sr. *Abade*, que anda por o seu passal de braço dado com o sr. *Capitão*; que foi das ordenanças, e ambos dão grandes gargalhadas de rizo, e esfregão as mãos?

*Mulher*.--- Que áde ser, marido, isso está visto, alguma má novidade; pois bem vêz que estes senhores nunca se riem senão quando o povo chora; porêm eles a hi vem: perguntalho.

*Lavrd.* -- Boas tardes, sr. *Abade*; seja vem vindo; se quer do nosso verde, a *Maria* vai ao pipo, e *Pedrito* vai ás vintes buscar o molete.

*Abade* -- Hoje não quero comer, nem beber.

*Lavrd.* --- *V. S.* parece doudo: que tem, que tão alegre está.

*Ab.* --- Pois você não sabe inda o q̃ vai? pobre ómhem: vem os francezes.

*Mulh.* -- E que vem eles cá fazer?

*Ab.* --- Que vem fazer? a nossa feli-

cidade. Deos os traga depressa, senão estamos perdidos.

*Lavrd.* --- Os francezes, sñr *Abade*, parece-me a mim, que sou um asno, com licença de *V. S.*, que não vem fazer cauza boa: quem os chamou? a Religião:

*Ab.* --- Quem os chamou? a Religião: Deos os traga, senão ficamos todos atocar ao beato.

*Mulh.* --- E para que são precisos?

*Ab.* --- Para pôr tudo em ordem: para dar a cadaum aquilo que é seu; em uma palavra eles vem deitar abaixo essa maldita Constituição, e inforçar os amigos dela.

*Lavrd.* --- Mais amodo, sñr. *Abade*; eu não consinto, que na minha leira se ralhe da Constituição.

*Ab.* --- Tu és um tolo! que te importa a ti a Constituição, e q̃ bem te faz ela; material.

*Lavrd.* --- Que me importa a mim a Constituição? essa é boa: pois não me á de importar! não sou eu portuguez? e pergunta o sñr. *Abade* que bem me faz ela? todo. Ela assegura os meus direitos. . . . . Não se ria, sñr *Abade*, tal vez se persuada que um lavrador não tem direitos? pois olhe que os tem.

*Ab.* --- Eu ri-o-me da tua simplicidade. Quem te meteo na cabeça que o povo miudo tem direitos?

*Mulh.* --- E que é povo miudo? o meu marido não é tão miudo como isso, sñr. *Abade*.

*Ab.* --- Eis-aqui meu *Capitão* o terrivel, e pestifero effeito da liberdade da imprensa: eis-aqui já um bólas afalar de direitos: feliz aquele tempo em que só reinava a *Gazeta de Lisboa*, esse grande papel, que só nós li-a-mos. Deos não pode gostar disto; é impossivel: impossible est.

*Lavrd.* --- Pergunta o sñr. *Abade*, quem me meteo na cabeça, que o povo miudo tem direitos? Eu lho digo: foi a razão; e a Constituição os explica, e assegura.

*Ab.* --- E ele a dar-lhe com a Constituição.

*Lavrd.* --- Eu bem sei que *V. S.* não gosta dela, e cadaum come do que gosta: mas é ter paciencia: *V. S.* não é só, tambem o sñr *Capitão* lhe não mostra bom focinho; e porque?

*Capitão* --- Porque és um asno, um bruto, um tolo, um jumento, um quadrupede, e um estúpido de todos os quatro costados.

*Lavrd.* --- Mas não sou corcunda.

*Ab.* --- Ora anda cá meu lavrador onrado: eu não devia dizerte nada, mas por caridade sempre te vou mostrar o precepicio: assentate, e responde.

*Lavr.* --- Não me falando contra a Constituição, estou sentado.

*Ab.* --- Ora dize-me: Tu és christão?

*Lavr.* --- Por a graça de Deos.

*Ab.* --- E amas o teu Deos?

*Lavr.* --- Sobre todas as couzas.

*Ab.* --- E não tens vergonha de desprezar o teu Deos amando essa maldita Constituição que Deos reprova?

*Lavr.* --- E como mostra o sñr Abade que Deos N. S. a reprova?

*Ab.* --- Pois isso tem que ver? Pode Deos gostar de uma couza que é feita por *Pedreiros Livres*? Uma couza que manda que todos sejam iguaes diante da Lei; isso tem geito nenhum; não vês que Deos quer que um *Abade* seja mais que o seu freguez, não ves que Deos fez os Reis, e nos mandou que nós fossemos seus escravos.

*Lavr.* --- O que Deos não quer, sñr. *Abade*, é que *V. S.* sustente um cavallo com o milho dos pobres, e quando estes lhe batem á porta a pedir-lhe uma esmola *V. S.* lhe diga Deos o favoreça: o que Deos não quer é que *V. S.*, sñr *Abade*, negue a desobriga a um freguez, porq̃ lhe não deu a oferta, quando aquillo q̃ se oferece é gratuito; o que Deos não quer é que *V. S.* não sepulte o seu freguez pobre, por não ter com que lhe pague: o que Deos não quer é que *V. S.* tenha moça uma ama, que lhe dê filhos com escandelo de seus freguezes, e depois os meta na roda; o que Deos não quer sñr *Abade* é que *V. S.* ponha demandas a seus freguezes, quando *V. S.* deve sempre viver em paz com eles: o que Deos não quer é que *V. S.*, sr. *Abade*, viva de perninha em cima da sua poltrona, comendo tudo, e o seu *Cura* trabalhe comendo nada; o que Deos não quer é que *V. S.* compre com dinheiro o seu beneficio, quando os bens da Igreja não se comprão; o que Deos não quer.....

*Ab.* --- Basta, basta; estás um grande canonista: quem te ensinou tanta asneira?

*Lavr.* --- Eu não sou canonista, sr. *Abade*; mas sou ómen: a razão porque *V. S.* ralha da Constituição, e procura dezacredita-la entre os seus freguezes, é porque ella é priva de sua arbitrariedade: a razão porque o sñr *Capitão* esfrega as mãos por a vinda dos france-

zes, é porque espera tornar ao poleiro, e ser senhor direito dos lombos dos meus porcos, dos carros da minha lenha, e do meu dinheiro: mas tó que te danas, agora somos soldados todos; todos combateremos a favor da patria, e da Constituição, todos irmãos a vencer, ou morrer.

*Ab.* --- Bravissimo, bravissimo: ora veremosem eles vindo, que prôas são as tuas.

*Lavr.* --- Pois veremos: eu já os vi, quando no tempo do *viva*, e *morra* eles quizerão desfloar a minha pequena, zombar da minha companheira, e matar-me, incendiando a minha choupana. Deos nos livre que eles venhão.

*Cap.* --- Porque? Deos os traga.

*Lavr.* --- Porque! porque não dou trinta reis por a sua cabeça; se eles pizão o nosso terreno, o que eu duvido, eu com o meu chuço, e a roçadoura, adeos corcundas: morra que é francez será o nosso grito, e todo aquele q̃ nós tiver-mos d'olho, bumba, na eternidade; da outra vez já socedeo o mesimo.

*Ab.* --- Isto não vai a esquentar. Venha uma pinga. Se todos assim estão, meu *Capitão*, armisticio com eles. Que tal o *Lavradorzinho*!

*Cap.* --- E muito tino com a lingua; mostremos que somos constitucionaes, senão não me cheira. Viva a Constituição

*Lavr.* --- Ora viva meu Abade.

---

#### O AZEMEL AOS SEUS CONCIDADÃOS.

*Rasgarão-se assim as máscaras dos Corcundas; ei-los descubertos, cilos em descarada rebelião contra a Patria, ei-los em fim promovendo a guerra civil, e aticando o facho destruidor d'anarquia! A' longo tempo, que a cara dos corcundas era o nosso termometro; segundo seu rizo desdenhoso, e sua taciturnidade nós conhecia-mos os grãos da estação Política; á oito dias que eles se congratulavão, que em seus publicos discursos prometião a contra-revolução nesta semana; isto não era segredo, nem eles o occultavão: ela assim rebentou apezar da bonançosa afirmativa do Censor. O dia aprazado para este ato de rebelião era o dia 23 do corrente Fevereiro. --- O Conde d' Amarante, que vós vistes jurar a Constituição perante o nosso Deos em o Templo da Senhora da Oliveira, o Conde d' Amarante appareceo em Vila Real com uma bandeira na mão, e na outra uma espada, proclamou a contra-revolução, o absolutismo, e*

nada de Constituição, e Cartes. Ele á consequido revolucionar Chaves, e mais terras da Província de Tras-os-Montes. Braga, esta nossa má vizinha, avia acompanyar a sucia da Fé no mesmo dia; porém fallharão seus projectos: assim mesmo principiarão os Bracarenses a festa arrancando os Laços Nacionaes, e dando-se os mutuos parabens de ter fundado o Imperio da Constituição; graças porém ao digno Coronel de Milicia de Braga, ele foi convidado para o baile revolucionario, mas resistio, e pôs o Regimento em Armas, e os caçarolas Bracarenses se meterão na sua concha. Felizmente porém para a Cauza Constitucional o nosso Bravo, Regimento 15 conservou o carater, q' é privativo dos Erões; fiel ao juramento de morrer por a Constituição, ele á desenvolvido todo o transporte militar; ele tem estado constantemente em armas, municiou-se, e a nossa vila está em segurança. E que outro couza era de esperar da onrada, e valorosa Oficialidade do 15! Que Soldado se não envergonhará de ser perjuro? O aspeto guerreiro, e constitucional, que o Regimento á mostrando estes dias mercede os mais vivos agradecimentos, e nós podemos assegurar, que todo ele está possuido dos mais nobres sentimentos, que temos por nosso Chefe o General Luiz do REGO, que vai pôr em acção todo a seu talento, e valor, e esperamos na Deus d' Arango Henriques, que assim como este erão pode em Pernambuco sufocar a rebelião, ele o conseguirá no infeliz Portugal, sobre cujos lares desgragadamente se vê esvoaçando o mensiro da guerra civil. Cidadãos, socego, e ordem, e o triunfo será nosso.

### CIDADÃOS.

Um homem alucinado, que só tem de portuguez o nascimento, um indêviduo, que não tendo em si alguns dos elementos, que constituem o homem verdadeiramente grande, que elle quer ser, e q' por isso só podia figurar no governo do cego despotismo; o Conde de Amarante levantou a voz da rebelião, e empreendeu surprender-vos com as sedutoras vozes da paz, quando elle só respira guerra; pertende elle que a Patria fluctue em sangue sendo elle o que a esse mal a provoca; estai cautelosos, e não vos deixeis iludir: repeli todo o indêviduo, que pertend' perturbar a ordem estabelecida; ella he de certo a que melhor nos pode conduzir ao bem, ella he a que todos temos jurado, e como tal a havemos de sustentar, e defender: estes são os sentimentos de todos os meus camaradas d' armas, nos quaes tem um seguro apoio a cauza constitucional, e todo aquelle, que não que-

rendo ser perjuro, está como nós prompto a dar a vida por ella.

Quartel de Guimarães 25 de Fevereiro de 1823.

Antonio José Soares Borges e Vasconcellos.  
Coronel da Regimento N. 15.

### GRANDE DIA VINTE E SEIS DE FEVEREIRO.

Foi este o dia feliz em que o melhor dos Monarcas jurou a Constituição portugueza, em o Rio de Janeiro: ele não será perjuro, cidadãos, porque sua alma noble jamais azilou a ingratição, e o perjuro: inda soão a nossos ouvidos as doces exprecões de seu coração; disse este grande MONARCA no meio da Augusta Assembléa da Nação. **EU JURO A CONSTITUICAO, EA JURO DE TODO O MEU CORACAO.** = Por este solemne motivo o bravo Regimento 15 se apresentou em grande parada na praça do Campo da Feira, e no meio de extraordinario concurso de povo: o seu digno Coronel Soares deu com o mais vivo entusiasmo os vivas á Constituição, ás Cortes, á Religião, e a El Rei Constitucional, acrescentando com prazer electrico-- *Vivão todos os Constitucionaes.* --- A tropa; e o povo correspondeo a estes vivas da maneira a mais brilhante, e no transpôrte de alegria o bravo Alferes Barrozo a tirou com a sua barretina ao ar: uma companhia de Milicias manobrou na parada na presença do seu bravo Coronel agregado Napoles, que tão digna, e constitucionalmente se á comportado nestes dias de susto, e de patriotismo. Se os Regimentos, q' marchão contra o decano Senhor da casa da Nogueira desenvolverem igual ardimento ao do valoroso Regimento 15, se forem comandados por Officiaes tão valentes, e patriotas como os do 15, ai do marechal pregador! ai do estulto **CONDE DE AMARANTE!**

P. S. --- O Marechal Teixeira partio na madrugada de vinte e seis para o seu Quartel General de Chaves.-- Chaves, e Braga se conservão fieis á Constituição: a cidade Regeneradora despedio tropas para Barcelos, e Amarante: é falça a noticia da morte do Tenente-coronel Cabral, e Visconde de Ervedoza: as nossas autoridades se reúnem, e vigiãõ. Guimarães não se desonra: os coreundas mentem q' se desunhão, porém oje coitadites não pião. . . . . É uma da tarde: acaba de chegar uma ordenança de cavalaria de Viana: S. E. o General Rego ainda tem o seu Quartel General na dita vila: o traidor Juiz de fora de Vila Real vai ser processado pelo Corregedor desta comarca. Neste momento se confirmou de q' a tropa de Chaves se insurgirá.